

# OS JARDINS COMO OBRAS DE ARTE

**Duílio Battistoni Filho**

( Professor do IAC/PUCCAMP )

Palácios e jardins desde os primórdios do mundo, constituíram objeto de preocupação por parte dos reis e imperadores. Em Roma, foram criados parques, piscinas, tanques, fontes de água corrente, quiosques e viveiros de peixes e de pássaros, que ainda podem ser vistos nos murais de Pompéia. Na Espanha existem vestígios da invasão dos árabes, que construíram arcadas, suavizadas por plantas raras. Com significados religiosos, os japoneses cuidam de preencher os espaços vazios com objetos e plantas que têm significados particulares e especiais. No Brasil, somente com a chegada de D. João VI é que começou a aclimação de espécimes vegetais raros. As idéias dos antigos ainda é atualíssima, pois a preservação da natureza, e o embelezamento das paisagens levam o povo a sensibilizar-se com o problema ecológico, impedindo a destruição e catástrofes sem precedentes.

Um dos assuntos pouco estudados nas artes em geral é o referente à história dos jardins. Os livros e manuais em língua portuguesa a ele fazem pequenas referências, evidenciando o pouco caso como é tratado. Já ouvimos queixas de pessoas desejosas de conhecer este capítulo palpitante no domínio das artes, mas que não sabem como fazê-lo. A bibliografia é pobre e o nosso propósito é dar neste pequeno artigo uma contribuição, modesta, mas sincera para a divulgação de tema tão apaixonante.

O objetivo da arte da jardinagem é criar e preservar a beleza dos arredores onde habitam os homens, o cenário natural do campo e o meio ambiental, proporcionando conforto, saúde e bem-estar da população urbana.

O jardim é mencionado desde os tempos bíblicos, com Adão e Eva. A Bíblia conta que Deus criou o homem e a mulher e os colocou em um jardim, o Eden. Portanto, no paraíso. Desde o início do mundo existe uma associação entre **jardim e felicidade**.

Foi no antigo Egito que apareceram os primeiros jardins, no vale do Nilo, cujas cheias periódicas deixavam um húmus fertilizante nas terras ribeirinhas, determinando condições para o plantio de flores. Na Caldéia, ou especificamente na Babilônia, árvores e jardins cresciam numa área mais alta, surgindo os famosos **jardins suspensos**, contruídos por Nabucodonosor para sua amada rainha Amitis. Naquela nação, a água era abundante para permitir a criação de jardins plantados de árvores e que, em todos os tempos, foram o sonho dos habitantes destas regiões de calor sufocante e próximas às estepes, quando não ao deserto. Havia necessidade de jardins perto dos templos, a fim de instalar "os deuses numa residência que alegrasse o coração"<sup>1</sup>

Entre os gregos, Homero faz referências aos palácios e jardins da era micênica. São conhecidos os jardins públicos de Atenas, como o **Lyceum**, onde os filósofos caminhavam por entre suas aléias, ensinando aos seus discípulos os mistérios da verdade e da beleza. Em Roma, graças à influência grega, grandes jardins floram construídos com tratamento clássico. Havia dois tipos de residência dos patrícios: a **villa urbana** e a **villa rústica**. Em ambas, a preocupação de se criar "parques, piscinas, tanques, fontes de água corrente, quiosques, viveiros de peixes e de pássaros"<sup>2</sup>. Plínio e Cícero descrevem estas vilas em suas obras literárias, e elas podem, também, ser vistas nos murais de Pompéia. Aliás, diga-se de passagem, Cícero amava o verde e apontava o bosque como um lugar ideal para a meditação e o estudo.

Os jardins medievais tiveram importância na medida em que os monges cultivavam a horticultura como comprova o plano da abadia de Saint Gall no século IX. Transformados em pátios fechados e murados, constituíam defesa contra a invasão dos salteadores. Os conventos são sua marca registrada e nele os monges tinham seus herbários onde plantavam a matéria-prima para seus célebres licores ou suas poções medicinais. Esses pátios eram lugares aprazíveis e convidativos à prece e à meditação.

## As plantas ornamentais surgem após o século XIV

Na Espanha, com a invasão árabe, os jardins foram construídos com arcadas suavizadas por plantas raras, sempre enobrecidas por fontes de vários formatos. Exemplos desta época podem ser vistos hoje em toda a sua beleza original como os palácios de Alhambra em Granada e o Alcazar em Sevilha. Na Inglaterra as primeiras manifestações de jardinagem surgiram com os monges, com sua culinária e plantas medicinais, aproximadamente no século XII. Comida e fruta supriam os mosteiros. Após o século XIV, apareceram as plantas ornamentais como as rosas. Espaços ornamentais rodeavam os edifícios eclesiais, gradualmente assumindo o caráter de desenho com os reis plantagenetas. Henrique III encarregou seu

baillio<sup>3</sup> de fazer em Woodstock um jardim para a rainha, cercado de paredes com herbário e viveiro de peixes.

Os jardins no Renascimento contaram com a colaboração de arquitetos e escultores. Eram regulares, divididos em canteiros ou em bosques sempre verdes, imitando as formas geométricas, tão elogiadas pelos humanistas matemáticos. Na Itália, país montanhoso, os jardins foram feitos em terraços, exigindo escadas de formato diverso e permitindo jogos de água. Estátuas ornavam os tanques que se arredondavam no centro dos canteiros, as fontes em forma de conchas estavam dispostas em níveis diferentes, ou se encostavam aos muros entre os degraus. "Todas essas figuras, todas essas águas servem como pontos de vista das linhas da perspectiva constituídas pelas alamedas, pelas balaustradas, pelos ciprestes"<sup>4</sup>. As vilas Medici, d'Este e Palmieri<sup>5</sup> comprovam esta consciência arquitetônica ao ar livre, com estátuas e fontes. Na Inglaterra, no período Tudor, predominou o desenho italiano e tanto é verdade a afirmação, que o rei Henrique VIII mandou vir da Itália técnicos em jardinagem. O palácio de Hampton Court teve os seus jardins totalmente desenhados pelos mestres italianos em 1530. Os jardins ingleses acrescentaram pouco as seus congêneres europeus, salvo no cruzamento de linhas, labirintos, pombais e disposição das aléias<sup>6</sup>.

Na época barroca, os jardins eram cheios de contrastes, tocando os extremos, tanto no esquema como nos detalhes. O excesso ornamental predomina nesta época. No século XVII destaca-se Le Nôtre criando o tipo do jardim à francesa. Segundo o crítico de arte Louis Hautecoeur: "o jardim à francesa é o contemporâneo das vastas composições arquitetônicas; possui um grande eixo e eixos secundários, submete sua ordem ao castelo situado sobre uma ligeira eminência e é simétrico; respeita o relevo natural, mas regulariza-o, impõe à natureza a vontade humana... dá realce à policromia, une as cores dos mármore, o reflexo do céu sobre as águas, as massas escuras das árvores, o esplendor variegado das flores; esses jardins não são imóveis, mas arrumados pelas águas que se alteiam em repuxos das bacias, ou que jorram das fontes monumentais"<sup>7</sup>. Os canteiros de flores — os "parterre" — são circundados por muretas, desenhados com formas geométricas definidas, dando a característica do "grande estilo francês".

## A França cria uma escola de jardinagem

Na Inglaterra, o jardim tornou-se mais simples, imitando o estado selvagem numa clara demonstração de desprezo à simetria. Houve perfeita associação de água-vegetação num estilo romântico natural. Os ingleses preferiram os grandes gramados cercados de árvores, arbustos e flores de diversas formas. No século XIX a França imitou a Inglaterra, pois a natureza e os românticos detalhes foram combinados para despertar

emoções, como atesta o jardim de Ermenoville. Napoleão III preocupou-se com os parques públicos de Paris, todos eles desenhados por M. Alphand, notável artista, que criou uma verdadeira escola de jardinagem muito imitada por diversos países.

Na China e no Japão também suas origens são milenares. A conotação dada aos jardins sempre foi a mística. Para os sábios e estudiosos chineses, o jardim era um centro de reunião. Em meio às flores e à relva, recitavam seus poemas, oravam, liam ou tocavam música. Buscavam, assim, o aperfeiçoamento espiritual. Os imperadores e seus conselheiros aí se reuniam para discutir e fazer política. E os mercadores também escolhiam os jardins e parques para neles realizar suas transações comerciais. Mas os sábios e místicos da corte consideravam profanas as reuniões que usassem o cenário dos jardins para discutir assuntos que não se relacionassem ao espírito.

De modo geral, os chineses sempre emprestaram caráter profundamente espiritual aos seus parques e jardins. Nos mosteiros, os jardins adquiriam ainda maior importância e uma beleza extraordinária. Os monges tentavam descobrir, em meio a esta natureza doméstica e sublimada, o caminho para a sabedoria. A meditação diante dos tanques, dos montes e flores, grutas e regatos artificiais, permitia-lhes estudar os meios pelos quais os homens se podem tornar mais sublimes<sup>8</sup>. À noite, ainda em seus jardins, os astrônomos chineses encontravam, em meio ao perfume das flores, inspiração para melhor pesquisar e descobrir as estrelas. E, assim, os jardins contribuíram largamente para o desenvolvimento da astronomia chinesa, que se tornou lendária na antigüidade. Daí nasceu uma íntima relação entre a meditação transcendental, aliás muito difundida hoje em dia em todo o Ocidente e a contemplação da natureza. E nasceu também um sentido de busca permanente, no sentido de preservar e aperfeiçoar, sempre que possível, a própria natureza.

Se, na China, esse sentido espiritual dos jardins era compreendido apenas pelos sábios e místicos, no Japão, ao contrário, todo o povo buscava, e ainda busca, em seus parques e jardins, essa significação transcendental e apaziguadora. Os jardins japoneses sofreram em sua concepção certa influência, do modelo chinês de jardinagem. Pouco a pouco, porém, o modelo japonês foi-se desenvolvendo e assumindo características próprias, que acabaram por diferenciar profundamente os jardins japoneses não só dos chineses, mas dos de todo o mundo. E acabaram chegando a um nível de perfeição e sofisticação incrível, às vezes desconcertante para o espírito ocidental que os contempla.

As regras que regem o jardim japonês são ainda mais rígidas que as chinesas. Cada pedra, cada árvore ou arbusto, cada tanque ou um lago tem um significado simbólico, de acordo com os princípios filosóficos do Yin ( feminino ) e do Yang ( masculino ) que regem todas as coisas no Extremo Oriente.

## No Japão, a obediência a regras imperiosas

Todo o centro do jardim japonês devia ser ocupado por um tanque (o que ainda persiste) simbolizando o mar interior. Através dele passa um arroio, símbolo da corrente vital que rejuvenesce e purifica as coisas. O tanque deve estar voltado para o sul, porque é do sul que vem o verão. A cascata que o alimenta deve ficar a leste, pois é do Oriente que vem a pureza. E o tanque deve escoar-se rumo ao oeste, porque todas as impurezas correm para o ocidente e ali se acumulam. Igualmente as pontes, as árvores e flores seguem regras imperiosas. Mas são as pedras, principalmente, que representam o centro real dos jardins japoneses como demonstra o famoso Ryoanji<sup>9</sup>, em Kioto, construído em 1499. Elas representam o monte Sumeru que na tradição budista, é o centro do mundo. Com o passar dos séculos, as pedras assumiram na concepção nipônica de jardinagem uma importância cada vez maior. Um jardim japonês tem toneladas de pedras, erguidas em montes ou colocadas como por acaso, ou ainda depositadas ao pé de uma árvore ou emergindo de um tanque.

Em certos mosteiros Zen e Shintoístas existem jardins elaborados quase exclusivamente à base de pedras. Neles não se vê um só arbusto, uma só flor ou uma sebe. Os vegetais cederam lugar à fria e hermética beleza das combinações minerais. Esta tradição dos **jardins de pedra** foi cultivada mais pelos monges. O povo japonês, no entanto, continuou preferindo os jardins com muitas flores, árvores e tanques, ou repuxos de água corrente. O japonês encara o jardim como verdadeira obra de arte. E soube criar, para o interior de suas casas ou para outros espaços reduzidos, jardins também reduzidos. Por técnicas extraordinárias, conseguiu-se reduzir a uma espécie de ananismo inúmeras espécies vegetais, como palmeiras, pinheiros e árvores de diversos tipos, fazendo com que elas dêem frutos também anões. Nos tanques, obtém-se uma falsa sensação de profundidade com a engenhosa distribuição de espelhos estratégicos. Os japoneses foram ainda mais longe, criando jardins inteiros que caberiam na superfície de uma bandeja e guardando, apesar da miniaturização extrema, a harmonia e a beleza dos jardins monumentais.

Na América, sobretudo nos Estados Unidos, os jardins dos colonizadores seguiram a forma tradicional de seus primeiros **cottages** ou **manor**. Na época da Revolução, notadamente através de Jefferson, a paisagem romântica foi introduzida até a época de Andrew Jackson. A origem da moderna paisagem americana está no Central Park de Nova Iorque, desenhado por Frederick Law Olmsted e Calvert Caux em 1858. Novos parques foram criados em Boston e Chicago no final de século XIX.

No Brasil somente com a vinda de D. João VI é que houve uma preocupação com plantas e jardins. O príncipe-regente mandou construir o famoso Jardim Botânico no Rio de Janeiro numa área de 544.611 m<sup>2</sup> e ali

introduziu plantas raras como as palmeiras trazidas do jardim Gabrielle de Paris, em 1809. O objetivo era aclimatar plantas exóticas no nosso país e algumas espécimes raras subsistem até os nossos dias como, por exemplo, a **Guarea Trichilioides** estudada por Linneu; um exemplar de **Li-tchi** da China, ou um **Nepheium Litchi** de Baillon<sup>10</sup>. O primeiro diretor do Jardim Botânico foi o monge carmelita frei Leandro do Sacramento<sup>11</sup> que “introduziu mangueiras, nogueiras, jaqueiras, cravos da Índia, longanas e as cercas de murta, de cortons e de hibiscus que, aparados cuidadosamente, ainda fazem o encanto dos visitantes”<sup>12</sup>.

## O Jardim Botânico de Vila Rica impressiona os visitantes

Visitando o convento do Caraça em Minas Gerais, em 1817, o botânico Saint Hilaire encantou-se com as belas palmeiras plantadas ao redor do eremitário que proporcionavam uma sombra repousante para o viajante<sup>13</sup>. Spix e Martius, sábios alemães, indo ao mesmo local alguns anos mais tarde, fizeram referências encomiásticas do belo jardim ali existente onde havia “plantação de diversas frutas européias como: cerejas, marmelos, maçãs, castanhas e azeitonas, entretanto as oliveiras, apesar da situação e frescura deste lugar, nunca frutificaram”<sup>14</sup>. O irmão Lourenço, prior do Caraça, nesta época organiza um horto, misto de jardim, pomar e horta, o que impressionou o viajante inglês John Mawe que ali esteve em 1809, saboreando o seu bom vinho produzido graças às suas excelentes uvas<sup>15</sup>. O mesmo Mawe visitou o Jardim Botânico de Vila Rica e surpreendeu-se com a grande quantidade de plantas exóticas tais como: “frutos do Conde, cravo-da-índia, árvore de sebo, nogueira do reino, jâmbos de Málaca, caneleira do Ceilão, pinheiro, castanheira e chá-da-índia”<sup>16</sup>. Como vemos são as primeiras manifestações da arte de jardinagem do Brasil.

Neste século, por volta da década de 40, surgiu uma nova mentalidade paisagística no Brasil graças ao trabalho de Roberto Burle Marx que procurou inovar trazendo novos elementos, formas abstratas e cores diversas, como podemos comprovar com os famosos parques do Ibirapuera, Pampulha e aterro do Flamengo, respectivamente em São Paulo, Belo Horizonte e Rio de Janeiro<sup>17</sup>. Apesar de ter tido diversos seguidores, o nosso paisagismo ainda engatinha, estando longe de atender aquele ideal dos grandes países do mundo.

Felizmente estamos vivendo numa época de grande reconhecimento do verde e o povo, já sensibilizado com o problema ecológico, sente que a destruição incontida do meio ambiente levará a humanidade a uma catástrofe sem precedentes. A influência do ajardinamento sobre a cultura manifesta-se através da vida ao ar livre amenizando a qualidade de vida do homem.

## NOTAS:

- (1) AYMARD, André e AUBOYER, Jeannine. "O Oriente e a Grécia Antiga". In Maurice Crouzet Corrup. História Geral das Civilizações. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1955. t. I, v. 1, p. 176.
- (2) \_\_\_\_\_ "Roma e seu Império". In Maurice Crouzet Corrup. História Geral das Civilizações. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1956. t. II, v. 2, p. 22.
- (3) Magistrado oficial do rei.
- (4) HAUTECOEUR, Louis. História Geral da Arte. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1963, t. II, v. 3, p. 242.
- (5) Bocaccio no Decamerão descreve esta vila florentina.
- (6) Landscape Architecture. In Encyclopedia Britannica. Londres, 1962. vol. 13, p. 664.
- (7) HAUTECOEUR, Louis. História Geral da Arte. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1963, t. II, vol. 4, p. 1115.
- (8) RAWSON, Philip. Introducing Oriental Art. Londres, Hamlyn, 1975, p. 16.
- (9) Id., ib., p. 40.
- (10) ROSA, Ferreira. O Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Edição Oficial da Prefeitura, 1905, p. 143.
- (11) Frei Leandro do Sacramento foi professor de Botânica da Escola de Medicina do Rio de Janeiro. Membro da Academia de Ciências de Munique e de Londres e da Real Sociedade de Horticultura, de Gand. Organizou um catálogo das plantas então cultivadas no Jardim. Escreveu vários trabalhos botânicos, publicados em revistas alemãs, assim como uma monografia das Euphorbiaceas.
- (12) ROSA, Ferreira, op. cit. p. 143.
- (13) CARRATO, José Ferreira. "Uma casa portuguesa com horta e jardim, nas Minas Gerais". Separata do vol. LXXXI da Revista de Guimarães, Rio de Janeiro, 1971, p. 6.
- (14) SPIZ, J. B. e MARTIUS, C. F. P. Viagem pelo Brasil. Tradução de Lucia Furquim Lahmeyer, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1938. v. 1, p. 372.
- (15) CARRATO, José Ferreira, op. cit., p. 23.
- (16) Id. Ibid., p. 23. Em 1930 o então diretor do Jardim Botânico, Joaquim Veloso de Miranda desenvolveu a cultura do chá com grandes resultados.
- (17) MARX, Roberto Burle. "O jardim como forma de arte". In Caderno Brasileiro, Rio de Janeiro, 1967. vol. 32. p. 11.